

TRAIÇÃO



Jesus vuole ser o messias de seu povo: recusa, porém, de realizar seu propósito utilizando quaisquer instrumentos de poder político, econômico, ou religioso. Ele aceita de tornar-se vítima do poder e acha que este seja o destino ao qual o Messias não deve fugir.

E, assim, é ele a ir ao encontro de Judas, conforme conta João.

Judas, como bom hebreu, esperava o Messias, mas sua ambição levou-o a interpretar o ensinamento de Jesus de modo redutivo e material e, assim, perdeu toda confiança nele. Aquela noite Jesus, indo ao encontro de Judas e chamando-o 'amigo', usa toda a doçura de quem não pode renunciar ao tentativo de fazer ainda brecha no coração do apóstolo, sem, todavia, forçar sua liberdade. Mas Judas tinha já feito sua escolha. O beijo, que de gesto de amor transforma-se em vil traição, dói ainda mais para Jesus.

No conto de João, depois do gesto de humildade e de serviço que (Jesus fez a) seus discípulos, aos quais lavou os pés, anuncia a traição que teria sofrido por parte de Judas (Jo 13, 21-30). Ainda antes, ao término do conto da multiplicação dos pães e dos peixes, João escreve a primeira denúncia de Jesus sobre a futura traição de um

dos doze (Jo 6, 70-71). Nos Evangelhos tudo concorre para levar à inelutável traição que levará à morte de Jesus.

Não obstante tenham sido avançadas diferentes motivações para a traição de Judas, os textos evangélicos insistem sobre um particular aspecto: João afirma expressamente que o diabo havia colocado no coração de Judas a intenção de trair Jesus. Analogamente escreve Lucas (Jo 13, 27; Lc 22, 3).

Judas, filho de Simão Iscariotes, era o ecônomo do grupo. É sempre João a desenhar o perfil dele descrevendo-o como um ladrão que ‘pelo fato que tomava conta da bolsa comum, roubava do que era depositado nela (Jo 12, 4-6).

f como os doze, conhecia bem o lugar do Getsêmani que estava habitualmente freqüentado pelo grupo. Ele que ‘procurava a ocasião propícia para entregá-lo’ em troca de trinta moedas de prata – o preço que a lei mosaica fixava pela vida de um escravo morto por um boi (Ex 21, 32) – conduziu ao Getsêmani os guardas para prender Jesus no coração da noite (Mt 26, 14-15; Lc 22, 3-6). Talvez, nem sequer o próprio Judas imaginou que sua traição teria causado a morte do Mestre.

Assim, como o Papa Bento XVI evidenciou: “Quando pensamos no rol negativo desenvolvido por Judas na história de Jesus, devemos inseri-lo na superior condução dos eventos por parte de Deus. Sua traição conduziu à morte de Jesus, mas Jesus transformou este tremendo suplício em espaço de amor salvador, com a entrega de si ao Pai. Em seu misterioso projeto de salvação, Deus assumiu o gesto inescusável de Judas, como ocasião para o dom total do Filho pela redenção do mundo”. (Audiência Geral, de 18 de outubro de 2006)

A fragilidade humana que leva à traição não manifesta-se somente em Judas, mas, (inclusive,) no próprio Pedro, o apóstolo escolhido para sustentar e recolher os discípulos depois da morte de Jesus. Incrédulo e seguro de si, Pedro não avalia nem a possibilidade de renegar a Jesus quando, depois da última ceia, o mestre avisa os apóstolos, e Pedro por primeiro, que satanás os procurou para peneirá-los como faz-se com o trigo (Lc 22, 31).

Mas Pedro, depois da prisão de Jesus, mais vezes renega-o (Mt 26, 69-75; Mc 14, 66-72; Lc 22, 54-62; Jo 18, 12-27).

Não obstante seguisse de longe o mestre, o medo de vir reconhecido como seu seguidor, incita-o a jurar de não conhecê-lo. O canto do galo chama-o de novo à realidade e ao reconhecimento de sua incapacidade de ser fiel. Deste reconhecimento e do choro amargo descrito pelos sinóticos, em Pedro nasce uma nona conversão que, a diferença de Judas, o sustentará no rol de primeiro entre os apóstolos, até à escolha do martírio seguindo exemplo de Cristo.